

RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA: INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA DO PROFISSIONAL FISIOTERAPEUTA

Kelsyanne de Castro Carvalho¹, Maria Ester Ibiapina Mendes de Carvalho²

¹ Facime; Quadra 12, Casa 03; Conjunto Saci, Teresina – PI; CEP: 64020-230; kelsyanne@hotmail.com

² Facime; Quadra 12, Casa 03; Conjunto Saci, Teresina – PI CEP: 64020-230; mariaester_imc@yahoo.com.br

Resumo: A teoria e a prática são dois elementos pedagógicos que estão inter-relacionados, não sendo possível dissociar seus conceitos. Nesta revisão literária, foram analisados os conceitos de teoria e prática, suas relações, suas interdependências e sua importância na formação acadêmica do Fisioterapeuta. **OBJETIVO:** O objetivo desta pesquisa foi analisar a realidade do binômio teoria-prática no curso de Fisioterapia, através das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia e da Resolução nº 139 do COFITTO. **METODOLOGIA:** Para a realização desse estudo foi adotado o método de revisão literária de bibliografias publicadas nos anos de 1999 a 2007. Essa metodologia foi desenvolvida através de pesquisa em capítulos de livros, 20 (vinte) artigos científicos de revistas especializadas e bases eletrônicas de dados como Scielo, Medline e Lilacs. **RESULTADOS:** Os autores concordaram quanto a importância da inter-relação teoria e prática para a formação acadêmica, porém, esta integração deve estar incluída no projeto pedagógico dos cursos de Fisioterapia. **CONCLUSÃO:** Concluiu-se que a sincronia do binômio teoria-prática detém sua substancial importância para a formação do profissional da Fisioterapia.

Palavras-chave: teoria, prática, fisioterapia.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas e Ciências da Saúde

Introdução

A formação do fisioterapeuta no Brasil iniciou-se com um curso técnico em 1951. As modificações não tardaram a acontecer, em 1959 passou a ser exigida uma formação de dois anos, e o então técnico em fisioterapia foi chamado de fisioterapeuta. O Conselho Federal de Educação, em 1964, estabelece através do Parecer 388/63 homologado pela Portaria 511/64 do MEC o currículo mínimo para a formação em Fisioterapia no país. Em 1969, através do decreto lei 938/69, a formação do fisioterapeuta foi reconhecida como um curso de nível superior, com a duração de 3 anos. Apenas em 1983 o Conselho Federal de Educação, na resolução nº 4, determinou o currículo mínimo para a formação do fisioterapeuta deve ter uma duração de no mínimo 4 anos letivos. Em 2002, o Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia através da Resolução CNE/CES Nº 4. Desse pressuposto surgiu o profissional bacharel em Fisioterapia, que algum tempo depois teve definido seu papel.

Considerando a extensão da atuação do fisioterapeuta, a vivência prática do processo de reabilitação em todas suas fases (recuperação, readaptação ou adaptação do paciente às suas novas condições no mercado de trabalho) torna-se de crucial importância a integração da teoria com a vivência prática, desde as disciplinas de formação básica, momento em que o aluno ingressa no curso de graduação em Fisioterapia,

de forma imprescindível nas disciplinas aplicadas, quando o aluno adquire e constrói os conceitos sobre os recursos terapêuticos de que Fisioterapia dispõe e na etapa final da sua formação que é o estágio supervisionado.

O presente estudo tem como objetivo analisar a realidade do binômio teoria-prática no curso de Fisioterapia, através da literatura e das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia e da Resolução nº 139 do COFITTO.

Metodologia

Realizou-se uma revisão sistemática da literatura, através de pesquisa em capítulos de livros, 20 (vinte) artigos científicos de revistas especializadas e bases eletrônicas de dados como Scielo, Medline e Lilacs, buscando evidências científicas consistentes sobre a relação teoria e prática na educação superior de saúde, mais especificamente na graduação em Fisioterapia.

Resultados

A integração entre as atividades teóricas e práticas auxilia na compreensão do binômio paciente-patologia e patologia-paciente, bem como na relação paciente-terapeuta promovendo o amadurecimento do comportamento do aluno para futuras intervenções.

O Projeto Pedagógico de um curso de formação acadêmica, principalmente na área de saúde, deve expor a necessidade real da prática

em todas as disciplinas desde o seu início, para que o saber seja construído através da facilitação do professor e da metacognição do aluno.

A correlação teoria-prática fundamenta os procedimentos fisioterapêuticos que o projeto pedagógico dos cursos de Fisioterapia se propõem. Ao analisar esta relação, observa-se a necessidade de conscientizar os alunos sobre a importância desta correlação na vida profissional. Através da sensibilização dos alunos com uma carga de estímulos informativos e práticos bem direcionados sobre sua possível atuação como fisioterapeuta, proporciona-se condições para a avaliação de seus conhecimentos, assim como desperta interesse maior para a pesquisa científica e aprofundamento do estudo das técnicas utilizadas, evitando assim o uso de técnicas fisioterápicas pré-determinadas, sem a preocupação com a eficiência de sua utilização. É possível, também, perceber neste estudo que a prática recebe uma maior ênfase no estágio curricular obrigatório, no último ano do curso. Entende-se que ao chegar nesta etapa o aluno já deve ter sedimentado conhecimentos teórico-práticos para que possa adquirir o treinamento final para o exercício da Fisioterapia.

Discussão

O ensino hoje possui um grande desafio: que é proporcionar ao aluno uma associação entre teoria e prática, entendendo a teoria como a sistematização de uma prática, havendo inter-relação nestas duas denominações de partes da educação. (CORACINI, 2004)

Ainda nessa visão do homem como integrante da relação teoria-prática Kolyniak Filho (1996) conceitua prática, teoria e reflexão. Colocando a primeira como sendo “toda ação do homem sobre a natureza e sobre outros homens”, enquanto que teoria é a “organização das representações que o homem constrói sobre objetos ou fenômenos, num sistema conceitual elaborado segundo critérios lógicos (estes, por sua vez, igualmente construídos pelo homem)”. Diante desses dois conceitos o autor institui a reflexão, na qual relaciona teoria e prática como o processo de confrontar a realidade com um conjunto de sistemas conceituais articulados (teorias), resultando mudanças nas formas de representar a realidade (prática).

A teoria tem assumido, no meio acadêmico, o status de verdadeira ciência e, como tal, tem primazia com relação a toda e qualquer prática. Acredita-se, aliás, que é ela que tem determinado as mudanças da prática, vista, então, como aplicação da teoria. (CORACINI, 2004)

Corroborando com Coracini (2004), Serafim (2001) expressa que a prática pode se tornar um mal entendido quando se antagoniza com a teoria,

ou seja, quando a primeira é vista como prioridade, relegando à segunda um caráter de mal necessário. Porém explica que tomando isso como certo, está se considerando que uma é mais importante que outra, consideração essa apenas possível se dicotomizar a teoria da prática. Feita a separação, uma parece ter vida própria em relação à outra, adquirindo status diferenciados.

E antagonicamente Deleuze (apud CORACINI, 2004) expressa que as relações entre teoria e prática são tão inter-relacionadas que podem ser interpretadas como um processo de totalização, desconsiderando por completo o caráter fragmentário e parcial dessas relações.

Relacionando o binômio teoria-prática e a necessidade de reflexão, Kolyniak Filho (1996) expressa que esta última apresenta-se na forma reduzida quando há a prática quase automatizada, ou seja, aquela embasada em vaga consciência dos conceitos e a teorização quase sem relação com a realidade concreta. Isso posto, observa-se que o feedback da relação teoria-prática – a reflexão – tem sua profundidade e abrangência dependente de tais variáveis: “(a) profundidade e abrangência de seus conceitos e sistemas teóricos, (b) o seu contato com a realidade concreta e (c) a disponibilidade/hábito/habilidade de confrontar continuamente os dados da experiência com os referenciais teóricos”.

Pontes et.al. (2006) através dos resultados de seu estudo faz relação do processo ensino-aprendizagem com o também processo teoria-prática, discorrendo sobre a dicotomia entre as duas vertentes deste último processo, em que a prática provem da necessidade de melhorar a apreensão (memorização) da teoria e/ou de testar sua apreensão, enquanto que a própria teoria é frequentemente mostrada no processo ensino-aprendizagem como conteúdo estagnado a ser transmitido pelo professor, dissociado da prática. Confrontado claramente com (SAUL, 1999, apud, NOGUEIRA), em que fica claro que é através da prática que se proporciona um momento privilegiado de reflexão, para que haja um esforço de se fazer uma identificação efetiva dessa conexão teoria-prática e com isso enriquecer a experiência, através de uma análise crítico-reflexiva emancipatória, ou seja, um processo de descrição, análise e crítica da realidade visando transformá-la.

Para Muniz (2001), florescer no acadêmico de Fisioterapia a atividade criadora, ou seja, a capacidade de resolver situações novas, mas que se subsidia no conhecimento adquirido, passa preliminarmente pela compreensão desta necessidade pelos próprios professores.

De acordo com Pontes et.al. (2006) os currículos dos cursos universitários são, numa visão externa, a expressão do papel de cada um dentro da instituição, quais relações devem

estabelecer, quem são seus interlocutores, como se concebe o conhecimento (como ele é produzido, para que serve), qual a relação interdisciplinar, e por fim, denota a organização da instituição. Os autores ainda relatam que há nos últimos anos uma constante progressão nos currículos universitários através de suas reformas, porém, há manutenção do processo ensino-aprendizagem como uma transferência de conteúdos, onde os problemas são colocados apenas teoricamente, resultando na passividade do alunado. E mostram-se preocupados, ainda, com a realização de práticas onde o aluno é apenas expectador, levando-o a procura estágios curriculares não obrigatórios, muitas vezes, sem supervisão com a finalidade de preencher a lacuna deixada pela Instituição de Ensino Superior (IES) no que refere a experiência clínica.

Os estudantes de uma IES deverão ser estimulados a execução de práticas que incluam “monitorias e estágios; programas de iniciação científica; programas de extensão; estudos complementares e cursos realizados em outras áreas afins” (Resolução CNE/CEE nº 4/2002). As quais deverão acontecer desde o início do curso, tendo suas diferenças de complexidade à medida que o aluno progride no percurso determinado pelo currículo, iniciando com uma observação, contanto que não seja de todo passiva, até a prática assistida (atividades clínico-terapêuticas). Para que tais atividades não ocorram de forma aleatória é preciso que sejam acompanhadas por um fisioterapeuta atuando como docente sendo realizada na instituição em que o aluno estuda ou naquelas conveniadas. (Resolução CNE/CEE nº 4/2002)

E para corroborar, detalhar e enfatizar o determinado pela Resolução CNE/CEE nº 4/2002, o COFITTO através da Resolução nº 139/92 determina que:

“Art. 7º. É atribuição do profissional responsável técnico, observar que os estágios curriculares, sempre que oferecidos, o sejam de acordo com a Lei nº. 6.494/77, seguindo os seguintes critérios:

I - Só poderá ser realizado, com a interveniência, obrigatória, da Instituição de Ensino Superior.

II - Só poderá ocorrer a partir do 6º período da graduação, por ser parte do ciclo de matérias profissionalizantes, consoante com a Resolução CFE nº. 04/83.”

Machado e Manfroi (2005) dizem que os cursos da área de saúde possuem programas curriculares estáticos, ou seja, não se vinculando com os problemas da realidade cotidiana. Apenas ao final do curso, o aluno inicia seu contato com os pacientes, colocando em prática os conhecimentos adquiridos.

Na universidade é impossível ensinar todas as possíveis técnicas de todos os possíveis contextos em que o aluno irá se inserir. Neste caso, o aluno terá que possuir as condições mínimas e necessárias para que possa desenvolver a habilidade para quando se deparar com o novo, saber avaliá-lo, julgá-lo, apreendê-lo e modificá-lo de acordo com a realidade na qual está inserido. “Em uma frase, deverá ser autônomo e não autômato. Sob o ponto de vista apenas da prática, o indivíduo fica à mercê da técnica e, portanto, se torna autômato, simples repetidor.” (SERAFIM, 2001)

Concordando com Pontes et.al. (2006) percebe-se que alguns alunos tentam suprir a deficiência da prática que deveria ser oferecida pela IES, buscando estágios curriculares não obrigatórios, onde sabe-se que poderá não existir a preocupação básica em ensinar, sendo enfatizado mais o executar e o fazer do que o compreender do porque está se fazendo. Desse modo o acadêmico de fisioterapia poderá negar ou substituir a importância da ligação entre os conhecimentos teóricos com a prática profissional.

O conflito existente entre as afirmações de Deleuze (apud CORACINI, 2004) e Frei Betto (apud SERAFIM, 2001) no tocante a primazia da teoria sobre a prática e vice-versa, percebeu-se, também no entendimento de outros autores, que verdadeiramente não há sobreposição de uma sobre a outra. Para que haja um aprendizado reflexivo e uma construção do conhecimento no aluno, é necessário não só a inter-relação destas partes pedagógicas, mas também a formação de uma em conformidade com a outra. Assim sendo, a construção do saber fisioterapêutico, fundamenta-se no binômio teoria- prática, que são formados em diferentes ou concomitantes momentos. Concordando com Kolyaniak Filho (1996) a teoria é construída tendo como pressuposto a prática exercitada, e que esta consolidação do aprender acontece com a vivência e a prática, denotando por conseguinte, a importância do emprego pelos professores, desses dois conceitos no cotidiano dos cursos de Fisioterapia, provocando nos graduandos a percepção fisioterapêutica para o agir com competência na Fisioterapia, como dito por Ricieri.

É preciso ressaltar, também, a importância da elaboração e execução do Projeto Pedagógico de uma IES e tendo-se como base o exposto pelos autores Pontes et.al. (2006) e Ribeiro (2001) e o proposto na Resolução CNE/CEE nº 4/2002 e na Resolução nº 139/92 do COFITTO, para os quais o Projeto Pedagógico não deve enfatizar apenas a grade curricular na qual se distinguem disciplinas e cargas horárias, devendo entretanto, ter seu papel definido na inter-disciplinaridade das disciplinas a serem cursadas em todos os

períodos, devendo estar comprometido com o ato de desenvolver a reflexão ampla e integrada na graduação em Fisioterapia.

Conclusão

Quando todas estas observações sobre a relação teoria-prática são reportadas aos cursos da área de saúde, especialmente ao de Fisioterapia, pôde-se através deste estudo entrar em concordância com Muniz no tocante a preocupação pela vida humana. A teoria e a prática devem estar próximas de tal modo que uma não permita erros da outra, para isso o professor deverá contextualizar sua prática na dinâmica das relações vida, do bem estar e da saúde como um completo bem estar físico, psíquico e social do indivíduo, construindo desde a formação básica uma atitude reflexiva para que, nas novas situações e em momentos conflitantes do exercício profissional, os quais são extremamente presentes na fisioterapia, possa solucionar problemas encontrados de forma competente, aperfeiçoando a partir dessa realidade acadêmica o perfil do fisioterapeuta.

Referências

- BRASIL. Resolução CNE/CEE nº 4/2002. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia.** Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002, seção 1, p. 11. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/Sesu/diretriz.shtm>> Acesso em: 21/02/2007.
- CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. Resolução Nº. 139/1992. **Atribuições do Exercício da Responsabilidade Técnica nos campos assistenciais da Fisioterapia e da Terapia Ocupacional e dá outras providências.** D.O.U, Brasília, 26 de novembro de 1992, Seção I, Pág. 16389/90.
- CORACINI, M.J.R.F. **A teoria e a prática: a questão da diferença no discurso sobre e da sala de aula.** DELTA, São Paulo, v. 14, n. 1, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 Fev 2007. doi: 10.1590/S0102-44501998000100003.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa.** 4.ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.
- KOLYNIK FILHO, C. **Teoria, Prática e Reflexão na Formação de Profissional em Educação Física.** Revista Motriz, Volume 2, Número 2, 1996, p. 111 a 114.
- MACHADO, C.L.B.; MANFROI, W. . **Prática educativa em medicina.** Porto Alegre: Dacasa, 2005.
- MUNIZ, J.W.C. **Educando pela pesquisa: meio para o desenvolvimento e produção do conhecimento.** Disponível em: <<http://www.fisiobrasil.com.br/artigos.html>> Acesso em: 03 Fev 2007.
- NOGUEIRA, A.G. **Teoria e Prática – uma proposta de encaminhamento através do estágio.** Disponível em: www.cra-rj.org.br/site/biblioteca/PROPOSTA_ESTAGIO.doc . Acesso em: 01 de Fev 2007.
- PONTES, A.; REGO, S.; SILVA JUNIOR, A. G. **Saber e prática docente na transformação do ensino médico.** Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022006000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 Abr 2007. Pré-publicação.
- REBELATTO JR, Botomé. **Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais.** 2ª.ed. São Paulo: Manole; 1999.
- RIBEIRO, E.C.O. **Educação permanente em saúde: reflexões sobre uma oficina com pólos de saúde da família do Paraná.** Olho Mágico, Londrina, vol. 8, n. 3, set-dez 2001. Disponível em: <<http://www.ccs.uel.br/olhomagico>>. Acesso em: 21/03/2007.
- RICIERI, D.V. **Fisioterapia baseada em evidências: uma experiência prática de ensino.** Revista Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 26, p. 87-108, Curitiba: 2002.
- SERAFIM, M.C. **A falácia da dicotomia teoria-prática.** Revista espaço acadêmico, Nº 7, 2001. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/007/07mauricio.htm. Acesso em: 01 Fev 2007